



Diálogo ao anoitecer em um campo de prisioneiros de guerra na Rússia entre alguém mais jovem e alguém mais velho

**Abendgespräch in einem
Kriegsgefangenenlager in Rußland zwischen
einem Jüngeren und einem Älteren**

Martin Heidegger

Tradução de Lucas Carvalho Lima Teixeira

Resumo

Trata-se de uma tradução do diálogo filosófico de Martin Heidegger intitulado *Abendgespräch in einem Kriegsgefangenenlager in Rußland zwischen einem Jüngeren und einem Älteren*, acompanhada de uma introdução de circunstanciação temática.

Palavras-chave

Heidegger, *Diálogo ao anoitecer*, 1945, tradução

Abstract

This is a translation of Martin Heidegger's philosophical dialogue titled *Abendgespräch in einem Kriegsgefangenenlager in Rußland zwischen einem Jüngeren und einem Älteren*, together with an introductory essay providing contextual background.

Key-words

Heidegger, *Dialogue at dusk*, 1945, translation.

DOI: <https://doi.org/10.53000/simbolica.v2i00.5498>

[205] O mais jovem: Quando hoje cedo marchávamos para o nosso local de trabalho, sobreveio-me repentinamente algo salutar [*Heilsame*] a partir do ruído da imensa floresta. Ao longo do dia todo ponderei sobre em que poderia consistir isto que sara [*Heilende*].¹

O mais velho: Talvez seja ele o inesgotável da imensidão que se encobre, que perdura conosco nestas florestas da Rússia.

¹ O diálogo inteiro se desdobra a partir da delicada e profícua semântica do radical *heil* (*Heil*, *Heilsam*, *Heilende*, *heilen* etc.). Segundo o *Etymologisches Wörterbuch der deutschen Sprache*, de Friedrich Kluge (Walter de Gruyter & Co.: Berlin, 1960), *heil* está atrelado ao ser, estar ou tornar-se íntegro, à plenitude de algo, à plena desenvoltura das capacidades que lhe são inerentes. Nomeia, por conseguinte, o estado da saúde (*Gesundheit*), o caráter salutar. *Heilen* – curar, emendar, sarar, isto é, trazer de volta à plenitude do que se é – pode significar ainda, nessa mesma esteira, o salvar, a salvação e o salvífico. Aquilo que sara, que cura, que salva, concentra em si mesmo, deste modo, o poder da saúde, a grandeza da plenitude e da salvação. Deixemos ao leitor a liberdade de compreender como essa malha semântica será mobilizada por Heidegger. [N.T.]

O *mais jovem*: Você talvez queira dizer que o espaçamento [*Geräumige*] que vigora na imensidão traga-nos algo de libertador.

O *mais velho*: Não me refiro apenas ao espaçamento na imensidão, mas também àquilo com o que uma tal imensidão nos conduz para fora e adiante.

O *mais jovem*: O espaçamento das florestas vibra em uma distância oculta, mas, ao mesmo tempo, novamente de volta para nós, sem que termine em nós.

O *mais velho*: É quase como se, da imensidão aberta e, no entanto, encoberta, nunca pudesse decorrer algo que se colocasse no caminho da nossa essência e bloqueasse a sua passagem. Assim, nada acontece que faça com que a nossa essência se dobre sobre si mesma e se feche rigidamente, insurgindo-se [*aufständisch gemacht wird*] contra si mesma.

O *mais jovem*: A imensidão nos transporta para a ausência de objeto e, no entanto, protege-nos de dissolvermo-nos diante disso. Ela solta a nossa essência no aberto e, ao mesmo tempo, recolhe-a no simples, como se o seu perdurar fosse o puro advento para o qual somos convidados.

O *mais velho*: Uma tal imensidão nos provê com a liberdade. Ela nos [206] liberta, na medida em que, aqui, entre as paredes deste galpão, atrás do arame farpado, lançamo-nos sem cessar, ferindo-nos com o choque, contra o objetual [*Gegenständliche*].

O *mais jovem*: Pensei prontamente ainda hoje de manhã que o salutar viria apenas de uma sensação de contraposição em relação a este confinamento inglório do campo [*Lager*]; como se ele não fosse senão a aparência efêmera de uma bênção, concedida a tais autoenganos por um ligeiro momento. Essa imensidão, no entanto, perdura desde manhã cedo de maneira tão resoluta, tão clara, tão concentrada em mim, que já não posso mais tomar como um mero engano o seu caráter salutar.

O *mais velho*: A imensidão salutar não é a imensidão da floresta, mas é a própria imensidão da floresta que está incluída naquilo que sara.

O *mais jovem*: Com isso, porém, a floresta não é mero símbolo [*Sinnbild*] da imensidão salutar; também não será ela a mera ocasião do seu aparecer, muito embora o enigma da ocasião [*Veranlassung*] já dê o suficiente a se pensar, prevenindo-nos de explicar muito apressadamente tais experiências a partir do que é corriqueiro. Por outro lado, certamente não posso dizer o experimentado senão tendo em vista o que a floresta propiciou [*veranlaßte*].

O *mais velho*: E, contudo, você poderá nomear qualquer sinal no qual o salutar se lhe dê em testemunho. Eu não gostaria mais de constrangê-lo, porém, pois sei o quão duramente você afunda em seu silêncio todas as experiências negativas [*Widerfahrnisse*] que aqui há meses se nos infligem. No entanto, a

fim de apreender o que se tornou salutar para você, eu teria de conhecer aquilo que em você está lesado. E o que não está de todo lesado e rompido em nós, cujo extravio cego do próprio povo é tão lamentável, que não devemos desperdiçar nisso lamentações, não obstante a devastação [*Verwüstung*] que se dispõe sobre a terra pátria [*Heimaterde*] e seus homens sem rumo?

[207] *O mais jovem:* Você se recorda, porém, que havíamos nos decidido há muito tempo, já na marcha para o cativeiro, não mais falar sobre essa devastação. Tão logo isso se tornasse incontornável, no entanto, deveria sempre ocorrer de maneira circumspecta, em conformidade com os mais elevados parâmetros e sem falsa paixão. Pois a devastação da qual tratamos de fato não se deu apenas desde ontem. Ela também não se esgota no visível e no apreensível. Ela também não pode jamais ser contabilizada através de uma listagem das destruições e da liquidação da vida humana, como se fosse apenas o seu resultado.

O mais velho: Porque a devastação é mais profunda e de mais extensa natureza, por isso o nosso pensamento sempre retornará ainda uma vez mais a ela. Conseguiríamos reconhecer de maneira cada vez mais clara, em função disso, que a devastação da Terra e a aniquilação da essência humana a ela paralela são de algum modo o próprio mal [*das Böse selbst*].

O mais jovem: Por mal, naturalmente, não queremos dizer o moralmente ruim, também não o reprovável, mas o maléfico [*das Bösertige*].

O mais velho: Poderíamos então dizer, caso estejamos pensando com clareza, que o mal é o maléfico? Sem embargo, o maléfico é, como o nome o diz, do tipo do mal e uma decorrência dele mesmo.²

O mais jovem: Na medida em que com o nome “o mal”, porém, se quer no mais das vezes referir ao moralmente reprovável, tem então a frase, “o mal é o maléfico”,³ de fato algum sentido, posto que pensamos o maléfico a partir de outro lugar, que não aquele da moral.

O mais velho: A partir de onde devemos então pensá-lo?

O mais jovem: A partir de lá, aonde o nome “maléfico” precisamente nos conduz. O maléfico é o sedicioso [*das Aufrührerische*] que repousa no perverso [*Grimmigen*], de maneira que este perverso, porém, **[208]** de certo modo encobre o seu furor [*Ingrimm*], embora, ao mesmo tempo, ameace constantemente com ele. A essência do mal é o furor da sedição [*der Ingrimm*]

² Heidegger articula aqui a composição etimológica entre o adjetivo substantivado “o maléfico” (*das Bös-artige*) e aquilo que é do “tipo do mal” (*Art des Bösen*). De fato, maléfico é aquilo que corresponde ao modo de ser do próprio mal.

³ As aspas são nossas.

des Aufruhrs], que nunca irrompe totalmente e, quando irrompe, ainda se dissimula, sendo em sua ameaça secreta frequentemente como se não o fosse.

O mais velho: Pode haver então um sentido profundo quando dizemos que o mal é o maléfico.

O mais jovem: O perverso que se essencializa no mal libera a sedição e a barafunda, que entrevemos por toda a parte, lá onde topamos com uma dissolução, a qual parece ser imparável.

O mais velho: Se o mal, no entanto, consiste no maléfico, o qual é em si perverso quanto à sua própria perversão [*Grimm*] e, deste modo, permanece sempre mais perverso, eu estaria então a ponto de sugerir que o maléfico é algo concernente à vontade [*Willensmäßige*].

O mais jovem: Talvez a própria vontade seja, no final das contas, o mal.

O mais velho: Eu me embaraço só de supor algo tão arrojado.

O mais jovem: Eu disse apenas “talvez”, e o que eu disse, ademais, não é meu pensamento, embora ele não me largue mais desde que dele escutei, em cuja oportunidade [*Gelegenheit*] este pensamento foi expresso, no mais, apenas como suposição.

O mais velho: A visada em direção ao mal me ajudou a enxergar de maneira um tanto mais clara aquilo que dissemos acerca da devastação; sobretudo em vista de como poderíamos encarar a devastação, quer dizer, como não deveríamos de modo algum encará-la.

O mais jovem: Não está claro para mim no que você está pensando agora.

O mais velho: A devastação da qual falamos, e sobre a qual [209] devemos pensar demoradamente de maneira cada vez mais rigorosa, não é má no sentido de uma ruindade moral dos seus supostos autores. Muito antes, o mal ele mesmo, enquanto o maléfico, é que é devastador [*verwüstend*]. Deste modo, a indignação moral, mesmo quando faz da opinião pública mundial o seu porta-voz, nada pode contra a devastação.

O mais jovem: E por que não?

O mais velho: Porque a superioridade moral nunca está habilitada a apreender o mal, tampouco a suprimi-lo ou mesmo a atenuá-lo.

O mais jovem: Pois poderia suceder que inclusive a moral, e, com ela, todas as tentativas específicas de, através dela, estabelecer para os povos o prospecto de uma ordenação de mundo e a certeza de uma segurança mundial, fosse, no mais, apenas um rebento do mal; exatamente como a tão falada opinião pública mundial permanece também ela, em sua essência e no modo como surge, uma imagem e testemunho do processo que nomeamos de devastação.

O mais velho: Na verdade, não alcanço inteiramente essas articulações. No que toca à origem da moral, no entanto, parece-se que Nietzsche já disse algo similar.

O mais jovem: Você certamente sabe, contudo, qual suspeita vive em nós contra a sua metafísica. Nietzsche certamente interpretou a moral, isto é, a doutrina moral platônico-cristã e as formas subsequentes da sua mundialização [*Verweltlichung*], [a saber], a ética racional do Esclarecimento e do socialismo, por exemplo, como manifestações da vontade de poder. Ele assentou o seu pensamento em um “além de bem e mal”. Mas Nietzsche não reconheceu que este “além” [*Jenseits*], enquanto o reino da pura vontade de poder, isto é, [da vontade] que se volta para si mesma, deveria permanecer um contra-mundo [*Gegenwelt*] apenas em relação ao mundo pensado platonicamente. É por isso, ademais, que a sua doutrina sobre “disciplina **[210]** e cultivo” [*Zucht und Züchtung*] é apenas a mais extrema afirmação da moral. Posto, porém, que a vontade mesma seja o mal, então o reino da pura vontade de poder é o que menos seria um “além de bem e mal”, [isso] se é que se pode dar em geral um além do mal.

O mais velho: Vejo agora que fui imprudente ao nomear Nietzsche. Já ponderamos reiteradamente sobre o fato de que apenas no mais elevado rigor e a partir da mais ampla visão geral da totalidade do pensar ocidental é que se poderá exprimir um pensamento sobre a filosofia de Nietzsche. Também em relação a ela, a indignação e presunção morais podem tão pouco quanto em vista do processo de devastação.

O mais jovem: A qual, no entanto, concerne à nossa própria essência e ao seu mundo, de uma maneira que nós agora só começamos a entrever.

O mais velho: Sinto-me sempre novamente constrangido [*genötigt*] a trazer a linguagem para esse plano, muito embora uma vontade contrária [*Widerwille*] me queira refrear, pois me insta a procurar por uma posição prioritária, em cujo posicionamento [*Haltung*] não estaria mais orientado para a devastação.

O mais jovem: Enquanto nos deixarmos ainda impelir pela vontade contrária, porém, apreciaremos a devastação moralmente.

O mais velho: Nós ainda não estamos verdadeiramente livres em meio à sua essência.

O mais jovem: O que só será possível quando pudermos pensá-la verdadeiramente.

O mais velho: Você sugere, portanto, que esse pensar precisa ainda primeiro nos ser concedido.

O *mais jovem*: Talvez ambos estejamos aqui, neste campo, com esses diálogos, para que recebamos essa graça [*Gunst*]. [211] Já mais cedo concordávamos quanto à ideia de que a devastação é um vasto acontecimento precursor [*ein weit vorausgreifendes Ereignis*], em cujo âmbito de dominação [*Herrschaftsbereich*] todas as possibilidades de que irrompa e floresça algo essencial são sufocadas na raiz.

O *mais velho*: E isto que sufoca esconde-se por trás de uma sedução, a qual se anuncia na figura dos assim chamados ideais mais elevados da humanidade, tais como: o progresso [*Fortschritt*], a escalada irrestrita do desempenho [*Leistungssteigerung*] em todos os campos da criação, a oportunidade uniforme de trabalho para todos e, acima de tudo isso, o presumível fundamento mais elevado de determinação: a prosperidade uniforme de todos os que trabalham.

O *mais jovem*: O propriamente devastador e, deste modo, maléfico consiste nisto, [a saber], em que essas metas da humanidade [*Menschheitsziele*] tornam as distintas humanidades [*Menschentümer*] obcecadas em direcionar todas as coisas para a efetivação daquelas metas e, assim, operar incondicionalmente a devastação e consolidá-la exponencialmente em seus próprios efeitos.

O *mais velho*: Nós dissemos outrora, foi junto a um antigo poço da aldeia na qual nosso destacamento de prisioneiros descansava, que essa devastação não é de modo algum somente a consequência da Guerra Mundial, mas, sim, que a Guerra Mundial é já apenas consequência da devastação que há séculos consome a Terra.

O *mais jovem*: Deste modo, também indivíduos e agrupamentos humanos só podem ocupar a cada vez um estatuto subordinado, os quais, no entanto, precisam colocar e manter em movimento tais fenômenos decorrentes da devastação, embora jamais ela mesma. Eles são os funcionários raivosos da sua própria mediocridade, cujo estatuto se encontra ainda mais abaixo do que o daqueles que são pequenos e carentes em seus limites genuínos.

O *mais velho*: Com efeito, “devastação” significa para nós que todas as coisas, mundo, homem, Terra, são transformadas em um deserto [*Wüste*].

[212] O *mais jovem*: De maneira que esse deserto, entretanto, não irrompe pouco a pouco como consequência da propagação da devastação. O deserto já está aí antes de tudo, e quero [com isso] dizer [que está aí] como que em um átimo, envolvendo todas as coisas, e isso diz precisamente: tornar-desértico [*zu ver-wüsten*].

O *mais velho*: Mas o que é então o deserto? Com esse nome, atrelamo-nos à representação do árido solo de areia e da progressiva aridificação

[*Versandung*], embora também se fale do deserto de água marítimo, querendo com isso indicar a superfície imensurável enquanto o plano do desprovido de vida.

O mais jovem: O deserto é a esterilidade [*die Öde*]: a imensidão abandonada do abandono [*Verlassenheit*] de toda vida, cujo abandono vai tão fundo, que a esterilidade já não deixa ser nada que irrompa de si mesmo, que se desenvolva em seu irromper e, no desenvolvimento, conclame outros a irromperem conjuntamente. A esterilização [*Verödung*] vai tão fundo, que já não deixa ser nem mesmo qualquer decadência [*Untergehen*].

O mais velho: Com isso, passamos da representação geológica de um deserto, por exemplo, o Saara, para o processo de esterilização do mundo e da existência humana.

O mais jovem: Assim parece. Parece-me, no entanto, que o conceito geológico de deserto seja apenas a representação, ainda não alcançada e não refletida, da esterilização, a qual, de pronto e, assim, no mais das vezes, só nos vem ao encontro em circunstâncias e condições especiais da superfície terrestre.

O mais velho: Nós pensamos o deserto, portanto, como a imensidão abandonada do abandono de toda vida. O deserto é aquilo que propriamente desertifica. Deste modo, a devastação consiste no fato de tudo – mundo, homem e Terra –⁴ ser alcançado pelo abandono de toda vida.

O mais jovem: Com isso, pensamos a palavra “vida” tão amplamente, tal como acontece desde muito cedo no pensamento ocidental, que o seu círculo de significação [acaba por] recobrir-se com aquele da palavra “ser”.

[213] *O mais velho*: Na medida em que a devastação repousa agora no abandono do ser, porém, ela de fato já não deixa mais ser nenhum ente, de tal maneira que falta em geral aquilo que a partir dela pudesse vir de encontro. Poderíamos então ainda chamar uma época da história, na qual sempre domina de algum modo uma figura [*Gestalt*] da “vida”, de a época da devastação?

O mais jovem: Se podemos ou se até devemos [assim nomeá-la], então poderiam ser mundo, homem e Terra, permanecendo ainda assim, [uma vez] alcançada a devastação, abandonados pelo ser.⁵

⁴ Os travessões são nossos.

⁵ Se a época da devastação pode ser assim nomeada, ou seja, se a devastação pertence à história do ser, então mundo, homem e Terra permanecem necessariamente atrelados a um círculo ontológico-significativo, que os sustenta em um certo modo de ser unívoco e articulado, não obstante o vazio, a destruição e a desorientação que ele engendra; mas porque este acontecimento histórico-ontológico da devastação só é tornado possível graças ao esquecimento, isto é, à retração extrema do ser, por isso mundo, homem e Terra permanecem

O mais velho: O ser de uma época da devastação consistiria então exatamente no abandono do ser [*Seinsverlassenheit*]. Algo assim é, contudo, difícil de se pensar.

O mais jovem: Em todo caso, [é difícil] por ora e para o homem de hoje, que mal pode pensar sobre o fato de que, sob a aparência de uma vida segura e próspera, poderia acontecer um negligenciamento [*Verwahrlosung*] da vida, quando não, de fato, uma interdição [*Verwehrung*].

O mais velho: Tão logo damos azo a esse pensamento, devemos [também] pensar que, de todas as coisas que são, o ser é o que permanece mais ambíguo.

O mais jovem: Sem que possamos experimentar de pronto em que se funda essa ambiguidade e se com essa caracterização do ser dizemos o mínimo acerca dele mesmo. Talvez falemos então apenas de um escândalo [*Verlegenheit*] de interpretação humana em relação ao ser, mas não dele mesmo. É enigmático.

O mais velho: Portanto, mais misterioso do que o entendimento corriqueiro o concebe, o qual, no limite, avalia apressadamente a história e as épocas históricas em termos de ascensão e queda e calcula todos os fenômenos históricos com vistas ao valor de atração [*Wünschenswerte*] e ao valor de aversão [*Nichtwünschenswerte*].

[214] *O mais jovem:* Esse tipo de cálculo histórico [*historischen Rechnens*] poderia inclusive ser já uma consequência de que o homem se devasta em sua essência, e isso significa agora para nós que [ele] é abandonado pelo ser.

O mais velho: E que ele, abandonado, não obstante [ainda] é, mas é de tal maneira que descamba no nada com todo o seu agir e ter.

O mais jovem: Você diz assim, de maneira curta e grossa, que o niilismo só pode ser em geral algo historicamente real [*Wirkliche*] na medida em que acontece [*ereignet*] algo assim como o abandono do ente pelo ser, cujo abandono, no entanto, ainda deixa o ente ser.

O mais velho: Nietzsche de fato entreviu, por conseguinte, os fenômenos do niilismo, embora não tivesse ainda apreendido a sua essência.

O mais jovem: Pois, afinal, ele ainda não podia em geral pensar essa essência a partir de fundamentos essenciais.

O mais velho: De modo que o seu próprio pensar permanece preso ao niilismo.

ao mesmo tempo abandonados pelo próprio ser, isto é, alheios à plena profundidade e extensão da sua verdade.

O mais jovem: E isso tão terminantemente, que a metafísica de Nietzsche apenas prepara o acabamento do nihilismo no incondicionado.

O mais velho: E, portanto, pertence ela mesma ao processo de devastação.

O mais jovem: Sua maldade [*Bösartigkeit*] alcança então o seu extremo quando se organiza na aparência impensada de uma situação de mundo segura, assegurando para o homem um padrão de vida satisfatório enquanto a meta mais elevada da existência e garantindo a sua efetivação.

O mais velho: Com a instituição de uma ordenação de mundo moralmente fundamentada, o processo de devastação não é nem banido e tampouco encerrado.

[215] *O mais jovem:* Pois, aqui, nada podem os “critérios” humanos, sejam as suas “proporções” as mais grandiosas. Pois o maléfico, como o qual a devastação acontece, talvez permaneça um traço fundamental do próprio ser.

O mais velho: De modo que a devastação repousa no abandono do ente pelo ser e esse abandono provém do próprio ser.⁶ No mais, você não acha, no entanto, que a ideia de que o ser é maléfico no fundamento de sua essência possa ser uma asseveração desconcertante para o pensar humano?

O mais jovem: Decerto, e com certeza, então, enquanto o pensar ainda tiver que sustentar que a ideia de que o mal mora na essência do ser é “pessimista”, e avaliá-lo em geral de qualquer maneira.

O mais velho: Evidentemente, nada disso é fácil.

O mais jovem: Que isto, a saber, pensar o essencial, deva ser fácil, é também uma demanda que provém do espírito da devastação.

O mais velho: Porque a devastação, em função da sua proveniência a partir do ser, é um acontecimento mundial [*Weltereignis*] que abarca a Terra, os homens nunca devem se apressar a julgá-la; pois o âmbito de visão da opinião cotidiana, com indivíduos e coletividades, não é apenas sempre muito estreito, mas o homem ajuizador torna-se aqui muito facilmente a presa de um ranço e de uma exasperação que se removem dentro dele; ou, por outro lado, torna-se o homem escravo de uma autolegitimidade [*Selbstgerechtigkeit*], que não mais pode ver para além das fachadas apressadamente construídas em torno de si.

O mais jovem: E nós mesmos gostaríamos agora, na medida em que nos está dado como tarefa suportar tamanho infortúnio, de manter espírito e coração livres do hálito da destruição, que se protraí a partir de todo pensar

⁶ O ente é abandonado *pelo* ser na medida em que ao ser mesmo pertence essencialmente a retração, a negação, o velamento. Na retração, dá-se o esquecimento; no esquecimento, o abandono. O abandono do ser não designa qualquer negligência ou ato da vontade humana, mas diz respeito ao próprio ser (*genitivus subjectivus*), à dinâmica histórica do acontecimento da verdade.

descompassado. Quanto mais essencial for uma visão [*Einsicht*], maior tem de ser também o tato [*Takt*] com o qual ela desperta nos seus pares humanos o saber que dela cresce.

[216] *O mais velho*: Não entendo de todo por que você enfatiza isso justamente agora.

O mais jovem: Porque um dia reconheceremos, a partir de uma visão mais esclarecida da essência da devastação, que a devastação domina também lá e precisamente lá, onde pátria e povo [*Land und Volk*] não foram alcançados pelas destruições da guerra.

O mais velho: Onde, portanto, o mundo cintila com o brilho do desenvolvimento, dos benefícios e dos bens materiais, onde os direitos humanos são observados, onde a ordem burguesa é preservada e onde, acima de tudo, está assegurado o suprimento para a constante satisfação de um conforto inabalável, de maneira que tudo permanece conformado e organizado de antemão segundo o útil [*Nützliche*].

O mais jovem: Onde, acima de tudo, o desnecessário [*Unnötige*] inibe o correr dos dias e traz as amedrontadoras horas vazias, nas quais o homem se entedia consigo mesmo.

O mais velho: Até que ponto, porém, e aqui, inclusive, em mais elevada medida, tem de dominar a devastação da Terra da qual falamos, é [algo] difícil de experimentar e ainda mais difícil de pensar. O mais difícil, porém, será mostrar sem presunção a devastação àqueles por ela atingidos e dar a eles um conselho [*Rat*] sem o mais exíguo traço de paternalismo, em vista da longa meditação [*Besinnung*] necessária para se familiarizar com a devastação enquanto um acontecimento [*Ereignis*] que vigora alheio à culpa e à expiação humanas.

O mais jovem: Com isso, também nós não cairemos vítimas da tentação sorrateira de, por meio da mera declaração de que essa devastação é precisamente um destino [*Schicksal*], dar-se por satisfeito com ela, uma vez que nós, de fato, nos guardamos, acima de todas as outras coisas, de darmos por satisfeitos com algo.

O mais velho: Na verdade, gostaríamos de aprender simplesmente a aguardar, até que a nossa própria essência se torne digna e livre o suficiente para que nos articulemos apropriadamente com o mistério desse destino [*Geschick*].

[217] *O mais jovem*: Simplesmente aguardar, como se essa docilidade devesse repousar no esperar [*Warten*]; e continuar a aguardar, como se o esperar devesse perdurar em relação à morte.

O mais velho: Ele mesmo como algo esperançoso [*etwas Wartendes*] em nós.

O mais jovem: Como se ele esperasse pelo nosso esperar.

O mais velho: E pelo que esperamos?

O mais jovem: Podemos, afinal, assim perguntar, na medida em que estamos propriamente esperando?

O mais velho: Na medida em que esperamos por algo, alinhamo-nos ao que é aspirado [*Erwartetes*]. Deste modo, nosso esperar é apenas um aspirar [*Erwarten*]. O puro esperar é destruído, pois no puro esperar, tal como me parece, não esperamos por nada.

O mais jovem: Quando não esperamos propriamente por nada, já descambamos novamente no aspirar, o qual, neste caso, apoia-se [no fato de] que nunca aspira de fato por algo. Tão logo não esperamos por nada nesses termos, não esperamos de maneira pura.

O mais velho: Isto é intrigante, não esperar por algo nem por nada, e, ainda assim, esperar.

O mais jovem: Quer dizer, esperar por isto que corresponde [*entspricht*] ao puro esperar. Mais rigorosamente, dizemos: esperar por isto a que o puro esperar responde [*antwortet*].

O mais velho: Você diz esperar por isto, e pensa assim no esperar tal como um abrigar e auxiliar [*Hüten und Pflegen*], de maneira que permanece a pergunta, o que “esperar” então significa, caso não possa ser equiparado ao abrigar.

O mais jovem: Esperar é, [e] só isto lhe posso dizer desde hoje de manhã, o deixar vir [*das Kommenlassen*].

O mais velho: O quê?

O mais jovem: Que outra coisa deixamos vir no puro esperar senão o vir [*das Kommen*]?

[218] *O mais velho:* Não algo vindouro, portanto, em cujo vir nós de fato também pensamos no esperar, embora apenas incidentalmente.

O mais jovem: Não; aquilo em que pensamos no deixar vir é o vir. Pensar o vir, eis uma enigmática recordação [*Andenken*].

O mais velho: Se o deixar vir distingue o esperar, então o esperar é a recordação que está orientada para o futuro, e que, portanto, está do avesso, posto que de pronto queiramos significar com “recordação”⁷ a referência ao passado.

O mais jovem: Talvez, no entanto, essa opinião seja arbitrária. Talvez deva ser primeiramente pensado, ademais, se o puro esperar está de fato orientado

⁷ As aspas são nossas.

para o futuro; isso talvez valha apenas para o aspirar; o enigmático do esperar enquanto um recordar repousa no fato de que ele não permanece orientado nem para o que é futuro, nem para o que é passado, tampouco, porém, para um já presente [*Anwesendes*], evidentemente.

O mais velho: Estamos quase inclinados a supor que o esperar, não sei se assim o posso dizer, lança-se para dentro ou para fora de uma dimensão ainda velada do tempo.

O mais jovem: E, com isso, enquanto o deixar vir do vir, espera-se no sentido do abrigar.

O mais velho: Contudo, nós somente podemos abrigar aquilo que nos foi confiado à guarda e que, com isso, se apresenta.

O mais jovem: Isso poderia, entretanto, nos ser confiado e, não obstante, ainda reter-se.

O mais velho: Tudo o que você agora diz sobre o esperar é tão simples e, no entanto, tão misterioso, de modo que tenho de lhe perguntar como pôde saber tais coisas com essa clareza, e somente desde hoje de manhã.

O mais jovem: Pois na experiência do vir, e [do vir enquanto] aquilo [219] que esperamos, e de que, em tal esperar, a nossa essência se torna pela primeira vez livre, [em suma,] na experiência simples de tudo isso, aproxima-se ao mesmo tempo o salutar, aquele que se nos deu.

O mais velho: Você diz “nós”, mas isto que sara só foi compartilhado com você.

O mais jovem: No entanto, eu gostaria de hoje ainda compartilhá-lo com você, pois sinto de maneira suficientemente clara, já há muito tempo, com nossos diálogos frequentemente interrompidos nas pausas do combate, nos quartéis, nas marchas e, agora, aqui no campo, que a mesma ferida lhe dói.

O mais velho: Sem que eu mesmo saiba o que está machucado de maneira tão particular em você.

O mais jovem: Ao passo que pude experimentar o salutar hoje de manhã cedo, posso também nomear para você a ferida que começa a sarar [*zu heilen*]. Por todos os anos de serviço militar, [e] de certo modo já anteriormente, na época dos estudos na Universidade, era para mim como se minha essência estivesse comprimida e de todo expulsa da livre imensidão do pensar, que, não obstante, consegui apreciar e aprendi a apreciar naqueles tempos como uma terra distante.

O mais velho: Quantos de nós não tiveram há anos de abandonar a estância [*Aufenthalt*] no mundo do espírito? Quantos mais não foram arrancados dele para sempre?

O mais jovem: Refiro-me menos à renúncia à ocupação com as questões espirituais do que, antes, à retração da existência [*Entzug des Daseins*], que repousa sobre o fundamento do pensar. A dor abrasadora consiste em não conseguirmos estar aí para o desnecessário.

O mais velho: Foi-nos negado ser jovem.

O mais jovem: Apesar de nos terem ensinado que deveríamos reivindicar os direitos da juventude, o que, no final das contas, [220] resultou apenas em atizar a inexperiência dos imaturos contra o saber dos mais velhos.

O mais velho: Imaturos que, então, da noite para o dia, foram proclamados ao mesmo tempo “homens” [*Männer*].

O mais jovem: De maneira que todos os conceitos e palavras se perverteram, pois tudo surgiu abruptamente da confusão.

O mais velho: A devastação já estava em obra antes de a destruição [*Zerstörung*] começar.

O mais jovem: De fato, a destruição não poderia começar de outro jeito.

O mais velho: E, não obstante, havia em muitos de nós uma juventude de tipo autêntico, a qual, como toda autêntica juventude, a qualquer momento poderia ter pensado mais longe que os mais velhos, se apenas tivesse podido ser, justamente, juventude.

O mais jovem: Quer dizer, se tivesse sido a ela concedido esperar de maneira pura. Costuma-se dizer, de fato, que a juventude é impulsiva e não sabe esperar. Parece-me, no entanto, que a impulsividade juvenil pelo porvir surge somente da espera inarticulada e do seu primeiro desabrochar, [parece-me] que os mais velhos deveriam [então] proteger [os mais jovens] das tempestades inoportunas, na medida em que refinam o esperançoso na juventude e lhe dão rumo, no lugar de abafá-lo, falsificá-lo e, assim, desvirtuá-lo em meras aspirações.

O mais velho: A busca da mera aspiração e a avidez do alcançar sempre se amparam apenas no supostamente necessário [*Nötige*].

O mais jovem: Tornam os olhos da nossa essência cegos para o desnecessário.

O mais velho: Sendo que o desnecessário permanece sempre o mais necessário de todas as coisas.

O mais jovem: Somente quem aprendeu a conhecer a necessidade do desnecessário [221] pode mensurar minimamente a dor que surge do fato de o pensar ser negado ao homem.

O mais velho: Com isso, o pensar é o desnecessário, e, não obstante, você concede ao pensar uma elevada dignidade junto à essência do homem.

O mais jovem: A mais elevada, inclusive. Você bem sabe que a sabedoria do Ocidente, desde os primórdios, pensou o homem como o ser pensante [*das denkende Wesen*].

O mais velho: Isso de fato sei. Mas não conheço direito o fundamento para isso. Ademais, nunca pude compreender por que essa sabedoria, em um frenesi [*Übereilung*] que, naturalmente, demandou séculos, deslocou a essência do pensar para a *ratio* e para a racionalidade.

O mais jovem: Como se, assim, o Ocidente não tivesse podido esperar, até que o pensar se encontrasse em sua essência originária, que, talvez, repouse no puro esperar e no poder esperar.

O mais velho: A essência do pensar talvez esteja, exatamente por isso, ademais, especialmente suscetível e exposta a todo frenesi.

O mais jovem: De fato, nós só podemos experimentar o puro esperar, e abrigar nele a nossa essência, na medida em que esperamos. Querer apreender o puro esperar no frenesi seria como se alguém tentasse pegar água com peneira.

O mais velho: Porém, na medida em que você já está tão claramente precavido frente ao frenesi, eu gostaria de dizer algo, nesta feliz oportunidade, que há muito tempo me inquieta. Até agora, falamos muitas vezes sobre a essência do homem e, deste modo, sobre a determinação essencial ocidental do homem, [mas] você manteve em vista apenas a caracterização do homem enquanto ser vivo pensante. [222] Essa determinação certamente já estava presente na Grécia [*Griechentum*]. No entanto, na Grécia arcaica, o homem era pensado de outra maneira, a saber, como o *ὄ θνητός*, como o mortal em sua diferença em relação aos imortais, aos deuses. Essa caracterização do homem me parece ser incomparavelmente mais profunda do que a primeira nomeada, conquistada pelo fato de o homem ser apreendido por si mesmo,⁸ apartado e desvinculado das grandes relações nas quais ele autenticamente se estabelece, dentre as quais aquela com os deuses tem a prioridade sobre as outras.⁹

O mais jovem: O que você pretende dizer com isso?

O mais velho: Eu gostaria de confessar uma apreensão; que você passe por cima da mais antiga e profunda determinação essencial do homem, aquela da

⁸ Como? Como um *ζῶον* [ser vivente] que se apresenta de outra maneira na *ζωή* [vida orgânica]. [N.A.]

⁹ *ὄ θνητός* e *ἀ-θνητός* [mortal e imortal], porém, *também* como aquilo que se apresenta [*der Anwesende*]. [N.A.]

essência mortal, em benefício da caracterização mais recente e superficial do homem, que o apreende como ser pensante. Ademais, acredito entender em que se baseia esse frenesi.

O mais jovem: E em que você acha que ele se baseia?

O mais velho: No fato de a filosofia e a apresentação histórica da sua história [*die historische Darstellung ihrer Geschichte*] assumirem aquela determinação do homem, corriqueira para os pensadores, como que por si mesma, para cuja ordinariedade, na verdade, não conheço o fundamento. A caracterização mais antiga do homem enquanto o mortal, por outro lado, é mais própria dos poetas, o que se pode ainda notar na poesia de Hölderlin.

O mais jovem: Com isso, no entanto, você toca em algo para o que lhe devo uma resposta. Mas também eu gostaria agora de confessar uma apreensão, a saber, que tenhamos que sacrificar o nosso descanso noturno e o diálogo iniciado hoje à noite [223], se quisermos ter sucesso, ainda que apenas grosseiramente, em uma explicação de ambas as determinações essenciais do homem e sua relação.

O mais velho: Não era minha intenção desviar repentinamente o nosso diálogo noturno em direção à polissêmica e, por isso, também ambivalente pergunta pela essência do homem. Pareceu-me somente ser uma boa oportunidade para lhe expor, enquanto pergunta, algo que já há muito tempo tenho no coração.

O mais jovem: Talvez a sua pergunta intermediária inclusive pertença ao nosso diálogo. Deste modo, eu também gostaria de lhe responder segundo algumas perspectivas. E o posso em alguma medida, porque quase constantemente tenho de pensar nisso, na medida em que estou pensando.

O mais velho: Já me dou por satisfeito se me disser como você encara a mais antiga e, como de fato penso, profunda determinação da essência humana, aquela que o pensa como o θνητός, o mortal.

O mais jovem: Eu a conheço muito bem; o mais antigo [*die ältere*], porém, só se deixa elucidar quando o mais recente [*die jüngere*] é conjuntamente pensado. Tenho dúvidas sobre se este, à diferença do mais antigo, permanece supérfluo. Supérflua me parece ser apenas a interpretação habitual da determinação essencial do homem, que o pensa como ζῶον λόγον ἔχον.¹⁰ No entanto, se finalmente aprendermos que λόγος¹¹ significa originariamente a reunião [*Sammlung*], então a determinação do homem que se mantém em vista

¹⁰ Transliterado, trata-se do célebre *zōon lōgon ékhon*, o ser vivente que possui o *lógos*.

¹¹ Transliterado, *lógos* – talvez a palavra mais importante da tradição filosófica ocidental e, sem embargo, uma das de mais difícil tradução.

do λόγος diz que a sua essência repousa no estar na reunião, a saber, no uno originário que a tudo unifica.

O *mais velho*: Ao dizer isso, torna-se já mais clara para mim a íntima relação desta determinação com a mais antiga. Você de modo algum, imagino, passa por cima da [mais antiga] em benefício da mais recente, apenas pensou mais cuidadosamente a mais recente, de maneira a poder assim esperar mais puramente pela verdade da mais antiga.

[224] O *mais jovem*: Assim o é; pois o mais antigo é, como tudo o que é inicial [*wie alles Anfängliche*], o mais difícil de se pensar.

O *mais velho*: Na medida em que se experimenta o homem enquanto o mortal em sua diferença em relação aos imortais, ele é pensado abertamente em vista dos deuses e do divino. E, na medida em que o λόγος significa a reunião do uno originário que a tudo unifica, então ambas as determinações essenciais, que se apresentam de pronto quase como incompatíveis ou ao menos estranhas entre si, pensam no fundo o mesmo [*das Selbe*].

O *mais jovem*: A sua elucidação sobre o mútuo pertencimento [*Zusammengehörigkeit*] das duas mais antigas determinações essenciais do homem no Ocidente é de fato uma beleza, mas me parece passar por cima daquela que seria ainda mais antiga, a qual experimenta o homem em sua mortalidade.

O *mais velho*: Em que medida?

O *mais jovem*: Na medida em que você toma a determinação do homem enquanto mortal apenas como uma característica na diferença da sua essência face aos imortais. Na determinação ὁ θνητός, que se costuma traduzir por “mortal”, no entanto, não é tanto a relação do homem com os imortais que se nomeia, mas, muito antes, a relação com a morte. ὁ θνητός é aquele ser [*Wesen*] que pode morrer.

O *mais velho*: Mas isso também pode o animal, e, nesta medida, a caracterização como θνητός não seria de maneira alguma um privilégio [*Auszeichnung*] da essência do homem.

O *mais jovem*: Mas se ela é de fato um tal privilégio, então temos de admitir que o animal não pode morrer. O animal não pode morrer, se morrer significa: ir em direção à morte, *ter* a morte.

[225] O *mais velho*: Isso só pode quem conhece a morte.

O *mais jovem*: Ou quem, de fato, no mínimo pode saber da morte. E isso, na medida em que a morte é de todo modo aquilo que nos está esperando, só pode aquele que, segundo a sua essência, pode esperar por aquilo que, como a morte, espera pelo todo da nossa essência.

O mais velho: Enquanto aquele ser que pode morrer, o homem é o ser que espera [*das wartende Wesen*].

O mais jovem: Assim penso eu.

O mais velho: Você pensou algo notável. No entanto, com *esta* interpretação sobre a mais antiga determinação essencial, não vejo, sobretudo agora, qualquer relação com a mais recente.

O mais jovem: Se você admitir, no entanto, que no λόγος, enquanto a reunião do uno originário que a tudo unifica, impera algo assim como a circunspeção [*Achtsamkeit*], e se você se questionar sobre se a circunspeção não seria da mesma natureza que o esperar persistente daquilo que nós nomeamos o puro vir, então irá talvez entrever, um dia, que também na alegada determinação essencial mais recente experimenta-se a essência do homem como aquele que espera. Sem dúvida, essa essência esperançosa do homem permanece, aqui como lá, na [ordem do] não-dito [*Ungesprochene*]. No mais, não pretendo afirmar que o que agora foi dito tenha sido já desde a antiguidade pensado, tampouco decidir qual das duas determinações essenciais, pensadas em relação à sua verdade, é a mais antiga. Parece-me que ambas são igualmente antigas, pois são ambas igualmente originárias e igualmente encobertas em sua origem. Tome o que foi dito, porém, apenas como uma hipótese.

O mais velho: Veja você...

O mais jovem: O quê?

O mais velho: Estou contente por lhe ter confessado minha preocupação acerca da suposta prioridade da supostamente mais recente determinação essencial do homem.

[226] *O mais jovem:* E fico contente por ter podido elucidar algo sobre isso. Ontem mesmo, ainda não poderia tê-lo feito.

O mais velho: Pois somente hoje pela manhã lhe ocorreu o salutar, que começa então a sará-lo e, conforme agora experimento, também a mim, na medida em que nos deixa tornarmos-nos aqueles que esperam.

O mais jovem: Para os quais toda distância está próxima na proximidade do preservado e toda proximidade está distante na distância do propício.

O mais velho: Para aqueles que esperam, portanto, a proximidade e a distância são o mesmo, embora para eles, precisamente, a diferença da proximidade e da distância se mantenha mais puramente acessível.

O mais jovem: Deste modo, aqueles que esperam também se resguardarão precisamente de perguntar o que é este salutar ele mesmo. Ainda que, ao

longo de todo este dia, eu tenha sido compelido a perguntar por isso. E agora vejo que uma tal pergunta por aquilo que esperamos permanece inadequada.

O mais velho: Parece-me que aqueles que esperam aprendem primeiramente o adequado contentamento [*Genügsamkeit*].

O mais jovem: Com isso, eles podem ser os educadores da grande pobreza.

O mais velho: Que conhecem o salutar, sem perscrutá-lo.

O mais jovem: O que mais poderia ser o salutar senão aquilo que deixa nossa essência esperar. No esperar, o ser humano é recolhido na atenção para com aquilo a que ele pertence, sem ser absorvido, porém, e, assim, ali dissolvido.

O mais velho: No esperar e como aqueles que esperam prestamos ouvidos, porém, ao indeterminado e, assim, abandonamos, por assim dizer, a nós mesmos. E você agora sugere que, no esperar e como aqueles que esperam, estamos precisamente no caminho que conduz à nossa própria essência.

[227] *O mais jovem:* O esperar é uma ponte que sustenta o nosso caminhar, sobre a qual nós nos tornamos aquilo que somos sem que já o sejamos: aqueles que esperam.

O mais velho: O puro esperar seria, portanto, se algum homem o conseguisse, como o eco do puro vir.

O mais jovem: Cujo vir nos envolve de fato por toda parte e a todo momento, mesmo quando não atinamos para ele. O esperar é uma capacidade [*Vermögen*] que ultrapassa toda agência [*Tatkraft*]. Quem se encontra no poder-esperar [*Wartenkönnen*], ultrapassa todo desempenho e seus produtos, embora o esperar nunca se oriente por um ultrapassar.

O mais velho: Algo assim como um correr atrás não pode de modo algum ser pensado. Enquanto aqueles que esperam, somos o acesso para o vir. Nós somos de tal modo que, ao sermos o acesso para o vir, vamos também ao encontro de nós mesmos enquanto aqueles que somente são propriamente na medida em que deixam ser o vir através do esperar por ele.

O mais jovem: No esperar, somos puro presente [*Gegenwart*].

O mais velho: E, além disso, nada. Nós o somos tão puramente, que nada mais nos vem ao encontro de parte alguma, lá onde pudéssemos nos agarrar e que pudesse nos salvar.

O mais jovem: Estamos à espera, como se tivéssemos passado sem sermos notados e sem sermos nomeados; não estamos lá para nenhum daqueles que sempre aspiram por isto ou aquilo e aspiram [a partir] disto ou daquilo algo para si. O esperar é em essência algo diverso de todo aspirar, o qual, no fundo, não pode esperar.

O *mais velho*: Ao esperar, estamos de todo já no caminho para a nossa essência, que é demandada pelo puro vir como o acesso que a ele responde.

O *mais jovem*: Como aqueles que são assim empregados, nós somos como um instrumento de cordas da mais antiga proveniência, em cujo soar ressoa a mais arcaica tocata do mundo [*das uralte Spiel der Welt*].¹²

[228] O *mais velho*: Com isso, esse instrumento de fato está – pense nas mais antigas determinações essenciais do homem – apropriadamente incluído [*aufgehoben*] no encoberto. A propósito, quando você diz sermos em essência o acesso correspondente [*antwortende Einlaß*] e, portanto, a resposta, não é a “resposta”, também na palavra, o mesmo que o “presente” [*Gegenwart*]?

O *mais jovem*: Sim, mas não apenas “também na palavra”, como você diz, mas exatamente e em primeiro lugar já na palavra.

O *mais velho*: Se o presente está agora relacionado com o tempo e a resposta [está relacionada] com a palavra, então tempo e palavra estão, em sua essência, mais intimamente irmanados do que o homem pôde até então entrever.

O *mais jovem*: Na medida em que concebemos tal coisa de maneira fundamentada, deveríamos [então] aprender a pensar a essência do tempo segundo o presente agora pensado e a essência da palavra, no horizonte da resposta.

O *mais velho*: Talvez já estejamos aprendendo, na medida em que somos aqueles que esperam, os quais têm tempo para o longo tempo no qual ainda acontecerá o verdadeiro.

O *mais jovem*: Para os quais a longa duração do vir nunca se torna tediosa.

O *mais velho*: Em que pode isso consistir?

O *mais jovem*: Em tese, em que nós, esperando pelo vir, já também garantimos o acesso a toda e qualquer coisa.

O *mais velho*: Para onde, então? De fato, não para o nosso interior; pois, deste modo, nos colocaríamos diante das coisas enquanto aqueles que imperam sobre a essência das coisas e, assim, as tornam objeto para o sujeito, enquanto o qual nós então incidiríamos.

¹² Arriscando um tom quicá demasiado gongórico, optamos por traduzir “*Spiel der Welt*” por “tocata do mundo” a fim de preservar a referência eminentemente musical do texto original. Uma opção mais óbvia e literal, como “o tocar do mundo”, além de literariamente estranha, poderia gerar ambiguidades desnecessárias. Trata-se, na passagem, da relação essencial de correspondência (*Entsprechung*) ou testemunho (*Zeugnis*) do homem face à verdade do ser, a voz humana como o eco da música originária do próprio mundo, uma referência que se faz notar também no emprego frequente de *Stimmung* e *Bestimmung* no *corpus* heideggeriano, cujo radical fala precisamente da *afinação* na qual se pronuncia a voz do ser (*der Stimme des Seins*).

O mais jovem: Algo que, no entanto, nós precisamente não somos e não somos **[229]** mais, na medida em que nos tornamos aqueles que esperam. Antes, nós, esperando, deixamos as coisas penetrarem precisamente onde nós mesmos penetramos enquanto aqueles que esperam, a saber, onde pertencemos.

O mais velho: E a que pertencem as coisas?

O mais jovem: Àquilo em que elas repousam.

O mais velho: E em que elas repousam?

O mais jovem: No regresso [*Rückkehr*] a si mesmas.

O mais velho: Se o homem somente depõe as coisas relativamente a si enquanto objetos e só as deixa permanecer e subsistir enquanto tais, então ele não deixa as coisas em seu sossego [*Ruhe*].

O mais jovem: O homem acossa as coisas em um desassossego [*Unruhe*] alienado na medida em que as torna apenas meios para as suas demandas e tópicos em seus cálculos e, assim, em mera oportunidade para intensificar os seus impulsos e mantê-los em movimento.

O mais velho: Na medida em que o homem não deixa as coisas em seu sossego, mas, ao contrário, deslumbrado com o seu progresso, passa por cima delas, pavimenta [então] o caminho para a devastação, que já há muito tempo é a barafunda do mundo [*das Wirrsal der Welt*].

O mais jovem: Sendo aqueles que esperam, entretanto, não deixamos então as coisas como que virem por sobre nós; neste caso, tornaríamos-nos, daqueles que esperam, tão logo naqueles que aspiram, que das coisas apenas querem algo. Somos aqueles que esperam na medida em que deixamos as coisas regressarem a si mesmas. A partir de um tal regresso, elas trazem para diante de nós, a partir de si, o seu verdadeiro presente, preenchendo assim de antemão o vazio que parece nos engolir, na medida em que esperamos pelo puro vir e não apenas aspiramos uma vez mais por algo que vem.

[230] *O mais velho:* Deveríamos mais propriamente dizer que as coisas tornadas assim presentes previnem de qualquer vazio, de maneira que também não haveria qualquer possibilidade de, em primeiro lugar, preencher esse vazio.

O mais jovem: O puro vir, pelo qual esperamos, não é, ademais, nada de fugaz ou indeterminado. Ele é o singular e o simples ele mesmo, ao qual nós, humanos, apenas vagarosamente nos endereçamos, pois só raramente conseguimos deixar algo permanecer naquilo em que repousa.

O *mais velho*: Tão logo sejamos capazes, porém, de deixar que algo penetre onde é tal como em sua essência, seremos então verdadeiramente livres. No poder-deixar [*Lassenkönnen*] é que repousa a liberdade, não no ordenar e no dominar.

O *mais jovem*: Ela, tão somente, é a verdadeira superioridade [*Überlegenheit*], que, com isso, não precisa ter algo abaixo de si no qual se apoiar para permanecer superior.

O *mais velho*: Talvez a essência da liberdade, no entanto, seja ainda mais misteriosa do que imaginamos.

O *mais jovem*: Enquanto ainda a pensarmos a partir do dominar e do realizar.

O *mais velho*: Entretanto, aprendo assim a ter já uma ideia mais clara acerca da maneira como, a partir da persistência da imensidão da floresta, pôde aquilo que liberta [*das Befreiende*] se lhe incidir e o salutar, se lhe aproximar.

O *mais jovem*: Ele sara na medida em que apazigua a dor, sem nunca, porém, a eliminar.

O *mais velho*: O doloroso, no entanto, você mesmo o disse, era que o pensar se lhe permanecesse interditado. Parece-me agora, porém, que o doloroso consiste precisamente em que não pudesse mais saber em que medida você é alguém que pensa, e, deste modo, conforme tudo o que dissemos, alguém que espera. Você [231] já o era, [porém], tão logo o acontecimento da devastação [*das Ereignis der Verwüstung*] passou a constringi-lo. Não fôssemos já em essência aqueles que esperam, como poderíamos de todo vir a sê-lo?

O *mais jovem*: Segundo um antigo dito [*einem alten Wort*], nós só nos tornamos aquilo que somos.

O *mais velho*: E nós somente somos, segundo um dito recente [*einem jungen Wort*], aquilo que buscamos.

O *mais jovem*: E nós apenas buscamos por aquilo que esperamos.

O *mais velho*: E esperamos por aquilo a que pertencemos.

O *mais jovem*: Pertencemos, porém, ao vir enquanto o presente, que, de maneira correspondente, o admite.

O *mais velho*: Enquanto um tal presente, abandonamo-nos ao vir, pois a nossa essência já está nele depositada.

O *mais jovem*: E ao abandonarmo-nos, portanto, apropriamo-nos pela primeira vez de nós mesmos.

O *mais velho*: Cada uma dessas sentenças, que evocam umas às outras, diz o mesmo [*das Selbe*].

O mais jovem: E cada qual é inapreensível, pois pensa de antemão no vir.

O mais velho: Trata-se, provavelmente, daquilo em relação a que não se deixa mais de todo pensar um antes: o não-antecipável [*das Unvordenkliche*].

O mais jovem: Daí que aquilo que sara também jamais se deixe apresentar em sentenças enunciativas.

O mais velho: Antes, apenas sugerido ao modo do diálogo, como nos ocorreu agora.

O mais jovem: Ou talvez também da seguinte maneira, como tentei de início dizer para mim mesmo, ao passo que as seguintes palavras se me concederam de modo involuntário:

[232] Somente no esperar
nós nos apropriamos de nós mesmos,
garantindo a todas as coisas
o regresso ao sossego.
Tal como o singelo
soar dos antigos menestréis,
que atravessou despercebido
instrumentos em baús escondidos.¹³

O mais velho: Já várias vezes me peguei pensando se o seu pensar não seria um poetizar velado.

O mais jovem: Você pensa que poetizo porque agora expresso com a ajuda de versos e rimas o que procuramos dizer.

O mais velho: De modo algum foi o que quis dizer; pois sei muito bem que verso e rima não atestam o poético e que até mesmo genuínos poetas podem se tornar vítimas de seus versos e rimas. Jakob Burckhardt, cujas cartas lemos juntos várias vezes, escreve certa vez uma sentença da qual meticulosamente tomei nota e sobre a qual reflito com frequência. Posso citá-la de memória. Ele diz: “Há certas coisas de poetas muito conhecidos em cujo âmago não há absolutamente nada, são vazias, e só se mantêm de pé com as muletas da rima”.

O mais jovem: Agora mesmo, no entanto, falei em rimas.

O mais velho: Acho, no entanto, que o caráter poético do seu pensar está muito antes no fato de que esse pensar é um esperar e que, em seu fundamento, já até o era, ainda que isso só lhe tenha sido elevado hoje a claro conhecimento.

¹³ No original: *Erst im Warten/werden wir uns selbst zu eigen,/gewähren allem Ding/die Rückkehr ins Beruhen. / Gleich dem zarten/Klange alter Meistergeigen,/der ungehört verging/den Instrument in verborgnen Truhen.*

O mais jovem: Talvez os poetas e pensadores de um povo não sejam senão aqueles que esperam da maneira mais nobre, através de cujo presente, referido ao vir, a palavra [*Wort*] alcança **[233]** a resposta [*Antwort*] da essência humana e, deste modo, é trazida à linguagem.

O mais velho: O povo dos poetas e dos pensadores seria então, de fato, aquele povo que espera em um sentido singular.

O mais jovem: O povo que primeiramente, e talvez ainda por um longo tempo, deverá esperar pelo advento da sua essência, de modo que, com isso, torne-se aquele que espera pelo vir, onde a devastação é já ultrapassada como algo passado.

O mais velho: Em particular na época em que a sua essência ainda se lhe escapa, este povo que espera estaria em perigo como nenhum outro, precisamente devido a essa essência esperançosa ainda não experimentada.

O mais jovem: E não através de ameaças externas, mas pelo fato de tiranizar a si mesmo com a própria impaciência irrefletida, incitando-se assim a progressivos mal-entendidos.

O mais velho: Tudo isso na opinião de estar assim no rastro da sua essência, que deveria finalmente conquistar o reconhecimento por parte dos outros povos.

O mais jovem: Ao passo que esta apressada essência aparente, no entanto, permanece apenas a eterna emulação destrambelhada do estrangeiro.

O mais velho: Esse povo deveria, ademais, caso venha a se tornar algum dia aquele que espera, permanecer indiferente a se os outros o escutam ou não.

O mais jovem: Tal povo também nunca poderia, na medida em que conhecesse a sua essência, teimar por sua essência esperançosa como que por uma vocação especial ou distinção.

O mais velho: Em vista da descoberta de sua essência clarificada, ele jamais poderia ter tempo para isto, para se comparar com os outros, de maneira a se superestimar ou subestimar.

[234] *O mais jovem:* O povo que espera deveria ser para outros até mesmo completamente inútil, pois, de fato, aquilo que, em primeiro lugar, sempre somente espera e sempre ainda espera pelo vir não oferece nada de utilizável [*Greifbar*], nada que pudesse ser proveitoso [*Nutzen*] para o progresso e para a ascendência da curva de desempenho e para a ofensiva dos negócios.

O mais velho: E esse povo completamente inútil deveria se tornar o povo mais antigo, dado que ninguém dá atenção a ele e ninguém emprega o seu peculiar agir, que é um deixar, esgotando-o e desperdiçando-o de modo precoce.

O mais jovem: Caso se virasse de todo em direção a semelhantes coisas, a sua fama deveria residir no fato de que poderia puramente despejar a sua essência no desnecessário [*Unnötige*]. Pois o que é mais desnecessário do que o esperar que espera pelo vir? O que é mais necessário do que o apego ao que está dado, a transformação do que está aí presente [*Vorhandene*] e a promoção do usual [*Bisherige*]?

O mais velho: Portanto, aquela orientação para os fatos efetivos [*Tatsachensinn*], acerca da qual se afirma que somente ela firma os pés do homem sobre a Terra.

O mais jovem: O que compele os povos a assegurar para si um lugar sobre a Terra, sobre o qual pudessem, na proximidade dos fatos efetivos, se firmar e criar, de modo a efetivar e fazer valer. E, todavia, esse seu caráter necessário jamais pode ser sem o desnecessário.

O mais velho: De tal modo que ficaria por se pensar a necessidade do desnecessário.

O mais jovem: Não a pensamos no esperar? Não é o esperar pelo vir um tal pensar e, talvez, de fato o pensar autêntico? O salutar que se nos atravessou repousa, por isso, segundo a minha inequívoca impressão, não no fato de nos haver libertado pessoalmente a partir de uma carência interna, mas no fato de nos ter deslocado para o saber de que, enquanto aqueles que esperam, estamos apenas começando a nos reorientar [*einzukehren*] para a essência ainda retida do nosso abatido povo.

[235] *O mais velho:* Você está sugerindo que, na medida em que nos tornamos aqueles que esperam, tornamo-nos pela primeira vez alemães?

O mais jovem: Não apenas sugiro, mas sei disso desde a manhã de hoje. Contudo, enquanto insistirmos em conceber “o alemão” através da decomposição da nossa suposta “natureza”, não nos tornaremos alemães. Em tais inclinações, prendemo-nos apenas à busca do nacional, o qual, de fato, como a palavra diz, imbrica-se no naturalmente dado.

O mais velho: Por que você fala tão severamente contra o nacional?

O mais jovem: De acordo com o que dissemos sobre o acontecimento da devastação, tornou-se desnecessário opor-se até mesmo ao nacional.

O mais velho: Não compreendo direito.

O mais jovem: A ideia de nação [*Nation*] é aquela representação em cujo círculo referencial [*Gesichtskreis*] um povo se estabelece em relação a si mesmo como um complexo [*Anlage*] dado a partir de algum lugar e faz de si sujeito, para o qual todas as coisas aparecem como objetivas, isto é, somente à luz da sua subjetividade.

O mais velho: A nacionalidade não é nada mais que a pura subjetividade de um povo, que se professa em vista de sua “natureza” enquanto o real [*Wirkliche*], do qual provém todo realizar [*Wirken*] e para o qual precisa este retornar.

O mais jovem: A subjetividade tem a sua essência no fato de que o homem, o indivíduo, os agrupamentos e [os tipos de] humanidade erguem-se para estabelecer-se sobre si mesmos e afirmar-se como o fundamento e a medida do real. Com esta insurgência [*Aufstand*] da subjetividade, surge a insurgência do trabalho enquanto aquela forma de desempenho através da qual se prepara por toda a parte a devastação da Terra, dispondo-se, por fim, como o [236] incondicionado. A lei própria da devastação é que o necessário [*das Nötige*] seja o mais necessário e o tão somente necessário.

O mais velho: O nacional permanece o critério, com isso, também onde as nações se unificam no [âmbito] internacional.

O mais jovem: O nacional e o internacional são o mesmo. O internacional seria, na medida em que se desenvolveu verdadeiramente, aquilo que a cordilheira é em relação às montanhas singulares. Mas pode de fato a cordilheira levar as montanhas singulares para além de si?

O mais velho: No máximo, a cordilheira, quando se eleva, mantém as montanhas singulares juntas em sua impetuosidade. De acordo com o seu modo de ser, porém, ela é distinta da soma das montanhas e é, no entanto, somente aquilo que das montanhas se essência [*das Wesende der Berge*].

O mais jovem: O nacional e o internacional são tão decididamente o mesmo, que ambos, na medida em que professam a subjetividade e teimam em relação ao real, muito pouco sabem e, sobretudo, muito pouco podem saber acerca de quais empreendimentos eles põem incessantemente em atividade.

O mais velho: O empreendimento da devastação e, por conseguinte, o do trabalho, em vista da possibilidade intensificada do trabalho. Deste modo, não nos poderemos tornar alemães, e, portanto, também poetas e pensadores, e também aqueles que esperam, enquanto perseguirmos o [ser] alemão no sentido de algo nacional.

O mais jovem: Contudo, na medida em que somos alemães, também não nos perdemos em um internacionalismo opaco.

O mais velho: Visto a partir do nacional e do internacional, não podemos mais de modo algum dizer o que então propriamente somos.

O mais jovem: É de fato desnecessário dizê-lo, pois o essencial mora, sereníssimo, no não-dito. Por outro lado [237], podemos muito bem saber isto,

[a saber], que nós, enquanto aqueles que esperam, temos à nossa frente o mais longo tempo histórico.

O mais velho: Para mim, veja você, é como se eu sentisse agora pela primeira vez aquilo que sara. O que você disse agora mesmo indica que, de fato, a existência histórica [*das geschichtliche Dasein*] de um povo e a sua duração [*Dauer*] não se fundam no fato de que o homem, em seu tipo de proveniência, meramente sobreviva à aniquilação e prospere e, talvez, como se diz, venha a edificar novamente, de modo a conduzir o usual, de forma modificada, novamente à vigência. A pura duração do destino só está adequadamente fundada no esperar, que espera pelo vir.

O mais jovem: Assim, não podemos empreender nada tão insignificante [*nichts Geringeres tun*] quanto a humildade [*das Geringe*], entregarmo-nos serenos ao esperar.

O mais velho: E aprender a conhecer a carência [*Not*], na qual o desnecessário tem ainda por toda a parte de permanecer.

O mais jovem: Porque conhecemos ainda tão pouco a necessidade do desnecessário, por isso a aparência é a de que o desnecessário esteja jogado a um árido abandono.

O mais velho: Você bem diz, cauteloso, que a aparência é essa. Pois, na verdade, o desnecessário não está em um abandono, mas nós, que para ele não atentamos enquanto o necessário, é que somos os abandonados.

O mais jovem: Você está certo e, no entanto, talvez não o esteja. O desnecessário precisa de nós e da nossa essência, assim como o som, mesmo quando soa inaudível, necessita do instrumento que o oferece.

O mais velho: Portanto, devemos aprender a conhecer a necessidade do desnecessário e, como aqueles que estão aprendendo, ensiná-la aos povos.

O mais jovem: E talvez ainda por um longo tempo calhasse de ser este o conteúdo singular do nosso ensinamento: a carência e a necessidade do desnecessário.

[238] Agora posso também lhe dizer ainda mais claramente o que se nos anunciou com aquilo que sara, que hoje nos ocorreu. Trata-se do obscuro e do gravoso, que um tal aprender e ensinar deve tomar sobre os ombros, ao passo que o aprender e o ensinar devem sempre ter o seu elemento apenas no esperar.

O mais velho: O que você quer dizer com isso?

O mais jovem: Que aprender é uma espera, na medida em que permanece um buscar, e que ensinar é uma espera, na medida em que permanece um conselho.

O mais velho: Muitas vezes, atropelamos a busca com o achado e o conselho, com a pretensão do querer realizar.

O mais jovem: Mas não estremeço face à carga do ensinar que aprende. Eu sei que haverá uma estirpe que a carregará em conjunto.

O mais velho: Por muitas noites ainda meditaremos neste campo sobre como aconselhar acerca da necessidade do desnecessário aqueles que, junto a nós e aos outros, somente conhecem o necessário, sem que os assim aconselhados decaiam ao fazer apressadamente de um tal ensinamento uma crença e visão de mundo e ao militar por ela.

O mais jovem: Todas as “visões de mundo” pertencem, conforme a sua essência, no que quer que venham a ensinar, à época e ao âmbito de dominação da devastação.

O mais velho: Essa é uma afirmação arrojada.

O mais jovem: Pode-se assim ouvir o que eu disse. O que tenho em vista poderia aparecer para nós através de uma meditação sobre a essência do pensamento moderno.

O mais velho: Para tanto, teríamos que estar ainda melhor exercitados no pensar.

[239] *O mais jovem:* E, a partir desta noite, isso agora significa: nós temos de aprender o esperar.

O mais velho: E tentar dizer aos amigos aquilo que lhes dará, ainda por um longo tempo, sempre novamente algo o que pensar. Aquilo que de modo inesgotável dá ao homem o que pensar, porém, devemos nós mesmos sempre de antemão ter experimentado e apreciado.

O mais jovem: Somente assim vem ao nosso aprender e ensinar o consistente [*das Beständige*]. No entanto, temo que por hoje já tenhamos compartilhado em demasia a nossa alegria pelo salutar. Amanhã coloca-se novamente diante de nós o mero trabalho.

O mais velho: Como boa noite, porém, e talvez também como agradecimento, eu gostaria ainda de lhe contar rapidinho um curto diálogo entre dois pensadores, que transcrevi em meu tempo de estudante a partir de uma apresentação histórica da filosofia chinesa, pois me impactou, sem que à época o compreendesse direito. Hoje à noite ele se tornou pela primeira vez

claro para mim, e por isso o diálogo me ocorreu. Os nomes dos dois pensadores me escapam.

O diálogo soa assim:

O primeiro disse: “Vocês falam do desnecessário”.

O outro falou: “Primeiro, é preciso que se reconheça o desnecessário, para que se possa então falar do necessário. A terra é de fato vasta e grande, e, no entanto, o homem precisa, a fim de se firmar, apenas de um lugar no qual possa pousar o pé. Contudo, se repentinamente surgisse junto ao pé uma fissura até o submundo, teria para ele aquele lugar sobre o qual se firma ainda alguma utilidade?”.

O primeiro falou: “Já não seria mais de utilidade para ele”.

O outro falou: “Disso resulta clara a necessidade do desnecessário”.

O mais jovem: Eu lhe sou grato por esse diálogo.

[240] *O mais velho*: E eu a você por seu poema, onde talvez algo poemático [*etwas Gedichtetes*] ainda esteja encoberto.

O mais jovem: Deixemo-nos pensar no poético [*das Dichtende*].

O mais velho: Uma boa noite para nós dois e para todos no campo.

O mais jovem: E à pátria, a bênção da sua determinação.

Schloß Hausen em Donautal, em 08 de maio de 1945.

No dia em que o mundo celebrava a sua vitória e ainda não sabia que, já há séculos, é ele que está rendido à sua própria insurgência [*Aufstand*].

Sobre o tradutor

Lucas Carvalho Lima Teixeira

Doutor em Filosofia pela Universidade Estadual de Campinas, onde defendeu a tese Heidegger e o mito do Ocidente: ensaios de ontoteologia mitopolítica, com fomento do CNPq. Mestre em Filosofia pela Universidade Federal de São Paulo, onde defendeu a dissertação Entre o Tejo e o Reno - linguagem, poesia e pensamento em Martin Heidegger e Alberto Caeiro, com fomento da CAPES. No âmbito do doutorado, realizou estágio em pesquisa, com auxílio do CNPq, no Philosophisches Seminar da Albert-Ludwigs-Universität Freiburg e na Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra; no âmbito do mestrado, realizou estágio em pesquisa no Instituto de Filosofia da Universidade Nova de Lisboa. É membro dos grupos de pesquisa Crítica e Modernidade (Crim/CNPq) e Religião, Ética e Política (CNPq).

<https://orcid.org/0000-0002-4588-2831>
led.lclt@gmail.com

Recebido em: 4 de março de 2026.
Aprovado em: 16 de junho de 2026.